

## CREIO NA VIDA ETERNA

A vida eterna não simplesmente a vida que continua depois da morte, é também comunhão perfeita com Deus, o que chamamos de «visão beatífica». A vida terrena para os cristãos é uma peregrinação para a vida eterna; é o tempo da graça e da misericórdia que Deus nos oferece afim de decidirmos o nosso destino eterno.

A doutrina da «reencarnação» das religiões orientais não é compatível com a doutrina da vida eterna e da ressurreição dos cristãos:

«A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último. Quando acabar «a nossa vida sobre a terra, que é só uma» (LG 48), não voltaremos a outras vidas terrenas: *«assim está determinado que os homens morram uma só vez e depois há o julgamento»* (Heb 9, 7). Não existe «reencarnação» depois da morte». (CIC 1013)

«Creio na ressurreição da carne e na vida eterna»: nesta breve fórmula do «credo» está resumida a nossa esperança.

Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia (Jo 6, 39-40). (CIC 989)

*«Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós» (Rm 8, 11)*

Tertuliano dizia: *«é por crermos nela que somos cristãos»*. São Paulo afirma: *«Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida» (1Cor 15, 12-14.20).*

Jesus Cristo é «o primogênito» de uma grande multidão: *«Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogênito de muitos irmãos» (Rm 8, 29).*

A ressurreição dos mortos significa a plenitude da vida imortal, na qual participa também o nosso corpo mortal, revestido de imortalidade (Fil 3,21). Será uma corpo real e material, mas não terreno nem mortal. A ressurreição do homem, como a de Cristo, terá lugar, para todos, depois da morte. Com a morte, a alma separa-se do corpo; com a ressurreição, corpo e alma unem-se de novo, para sempre (cf. *Catecismo*, 997).

A ressurreição dos mortos coincide com a Sagrada Escritura que fala dos «novos céus e da nova terra» (*Ap* 21,1).

**1049.** *«A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes deve activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova*

*família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus» (Gaudium et Spes 39; cf. Catecismo, 1049).*

A morte é natural: marca o final da peregrinação terrena, o tempo oportuno para a salvação eterna; constitui o limite do período de prova em que pode aproveitar o tempo e os talentos para ajudar os outros. Depois da morte, o homem perde a capacidade de merecer ou de se arrepender, a sua opção torna-se definitiva. Logo depois da morte haverá o juízo particular (CIC 1021-1022) e alma irá para o Céu, para o Inferno ou para o Purgatório. (*Catecismo*, 1009).

A morte continua a ser dolorosa e repugnante, mas também é uma oportunidade preciosa porque: «Se morremos com Cristo, com Ele viveremos» (2 Tm 2,11). Por este motivo, «*graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo*» (*Catecismo*, 1010).

Deus, ao criar e redimir o homem, destinou-o à vida eterna, a comunhão com Ele, ao Céu. Assim, se realiza a promessa do Pai: «*servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Participa na alegria do teu senhor*» (Mt 25,21). A vida eterna é mergulhar no oceano do amor infinito de Deus, é a plenitude da vida.

A vida eterna dá sentido à vida terrena, como empenho ético, entrega generosa e serviço para o bem de todos. O céu é o fim último da existência humana, a realização das

aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva" (*Catecismo*, 1024).

A vida eterna, com efeito, é o objeto principal da esperança cristã: «Os que morrem na graça e na amizade de Deus e estão perfeitamente purificados, viverão para sempre com Cristo: a «visão beatífica». Por outro lado, o céu não consiste numa pura, abstrata e imóvel contemplação da Trindade. Em Deus o homem poderá contemplar todas as coisas que, de algum modo, fazem referência à sua vida, gozando delas e, em especial, poderá amar às pessoas que amou no mundo com um amor puro e perpétuo.

Com a «visão beatífica» o homem continua a ser uma criatura livre. No céu, o homem não peca, não pode pecar, porque, vendo Deus face a face, vendo-O, além do mais, como fonte viva de toda a bondade criada, na realidade não *quer* pecar. Livre e filialmente, o homem salvo ficará em comunhão com Deus para sempre. Com isso, sua liberdade alcançou a sua plena realização.

A vida eterna é o fruto definitivo da doação divina ao homem. Por isso, tem algo de infinito. No entanto, a graça divina não elimina a natureza humana, nem em seu ser, nem em suas faculdades, nem sua personalidade, nem o que tenha merecido durante a vida.

## **O inferno como recusa definitiva de Deus**

A Sagrada Escritura afirma, repetidas vezes, que os homens que não se arrependem dos seus pecados graves perderão o prêmio eterno da comunhão com Deus, sofrendo, pelo contrário, a desgraça perpétua.

*«Morrer em pecado mortal, sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus, significa permanecer separado d'Ele para sempre, por nossa própria e livre escolha. É este estado de autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa pela palavra “Inferno”» (Catecismo, 1033).*

Não é Deus que decide à condenação eterna; é o homem que, procurando o seu fim último à margem de Deus e da sua vontade, constrói para si um mundo isolado onde não pode penetrar a luz e o amor de Deus. O inferno é um mistério, o mistério do Amor recusado, é sinal do poder destruidor da liberdade humana quando se afasta de Deus.

Relativamente ao inferno, é tradição distinguir entre «pena de dano», a mais fundamental e dolorosa, que consiste na separação perpétua de Deus, sempre desejado ardentemente pelo coração humano, e «pena dos sentidos», a que se alude frequentemente nos evangelhos com a imagem do fogo eterno.

A doutrina do inferno apresenta-se como um chamamento à conversão e a usar os dons e talentos recebidos em vista da vida eterna. O juízo particular deve ajudar os homens a perceber gravidade do pecado mortal, a necessidade de evitá-lo e de conduzir uma vida santa, dedicada ao serviço de Deus.

Sem dúvida, a existência do inferno é um mistério: o mistério da justiça de Deus para com aqueles que se fecham ao Seu perdão misericordioso.

*«Com a morte, a opção de vida feita pelo homem torna-se definitiva; esta sua vida está diante do Juiz. A sua opção,*

*que tomou forma ao longo de toda a sua vida, pode ter caracteres diversos. Pode haver pessoas que destruíram totalmente em si próprias o desejo da verdade e a disponibilidade para o amor; pessoas nas quais tudo se tornou mentira; pessoas que viveram para o ódio e espezinharam o amor em si mesmas. Trata-se de uma perspectiva terrível, mas algumas figuras da nossa mesma história deixam entrever, de forma assustadora, perfis deste gênero. Em tais indivíduos, não haveria nada de remediável e a destruição do bem seria irrevogável: é isto que se indica com a palavra inferno» (Bento XVI, Enc. Spe Salvi, 45).*

### **A purificação é necessária para o encontro com Deus**

*«Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do Céu» (Catecismo, 1030).*

A existência do Purgatório oferece aos homens a possibilidade de serem purificados em vista da «visão beatífica» do paraíso. O Purgatório apresenta-se como uma nova manifestação da misericórdia de Deus.

Mais do que um *lugar*, o purgatório deve ser considerado como um *estado* de temporário e doloroso afastamento de Deus, no qual se perdoam os pecados veniais, se purifica a inclinação para o mal, que o pecado deixa na alma, e se supera a 'pena temporal' devida ao pecado. O pecado não só ofende a Deus, e causa dano ao próprio pecador como também, através da Comunhão dos Santos, causa dano à

Igreja, ao mundo, à humanidade. A oração da Igreja pelos defuntos restabelece, de algum modo, a ordem e a justiça: principalmente por meio da Santa Missa, das esmolas, das indulgências e das obras de penitência (cf. *Catecismo*, 1032).

### **As crianças que morrem sem o Batismo**

A Igreja confia à misericórdia de Deus as crianças que morreram sem terem recebido o Batismo. Há motivos para pensar que Deus, de algum modo, as acolhe, quer pelo grande carinho que Jesus manifestou pelas crianças (cf. *Mc* 10,14), quer porque enviou o seu Filho com o desejo de que todos os homens se salvem (cf. *1 Tm* 2,4).

Ao mesmo tempo, o fato de confiar na misericórdia divina não é motivo para adiar a administração do Sacramento do Batismo às crianças recém-nascidas (cf. *CIC* 867), que confere uma particular configuração com Cristo: «*significa e realiza a morte ao pecado e a entrada na vida da Santíssima Trindade por meio da configuração ao mistério pascal de Cristo*» (*Catecismo*, 1239).